

A NECESSIDADE DE PROFESSORES QUALIFICADOS E ATUALIZADOS PARA O ENSINO DA CONTABILIDADE

Valcemiro Nossa

Mestre e doutorando em Controladoria e Contabilidade (FEA/USP)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Professor do Departamento de Ciências Contábeis

Av. Gal. Mac Arthur, 1587, Apt.º I-53 – Jaguaré – São Paulo (SP)

Email: *valcemir@usp.br*

RESUMO

Com base no novo cenário mundial, no qual reina a era da informação, do conhecimento e das novas tecnologias, onde é exigido do profissional da área contábil (e de outras também) maior “poder de fogo”, são feitos os seguintes questionamentos: será que os cursos e principalmente os professores de Contabilidade estão preparados para atender a esse avanço?

No Brasil, com relação à titulação, apenas 19% dos professores de Contabilidade possuem cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. No que se refere ao regime de trabalho, somente 16% desempenham suas funções em regime de tempo integral.

Este artigo apresenta as principais causas que levam a maioria dos docentes a não terem um desempenho adequado nas atividades de ensino. São discutidas também questões relacionadas à importância e preocupações ligadas ao professor que exerce, além do ensino, outras atividades fora da escola, fato comum na atividade contábil.

Outro ponto abordado é a necessidade de melhoria na formação dos professores de Contabilidade. O aluno, que é automaticamente o futuro profissional, necessita ter uma formação com competências e habilidades diversificadas, ou seja, uma formação polivalente. Além do conhecimento da Contabilidade e suas aplicações, deve ter-se uma boa noção de métodos quantitativos, informática, economia, administração, finanças, transações internacionais, línguas estrangeiras etc. Para que o profissional tenha todo esse potencial é preciso que se tenha primeiro professores qualificados e atualizados.

Área temática: Educação: Ensino e Prática da Gestão de Custos numa Ótica Indisciplinar

A NECESSIDADE DE PROFESSORES QUALIFICADOS E ATUALIZADOS PARA O ENSINO DA CONTABILIDADE

“É necessário ousar tudo examinar, tudo discutir e mesmo, tudo ensinar”.

Condorcet

INTRODUÇÃO

O Brasil, tal como o resto do mundo, depara-se com os efeitos da propagação maciça das tecnologias da informação, a forte pressão do mercado mundial e uma acelerada renovação técnica e científica. Todos esses desafios levam ao progresso. No entanto, essas transformações têm repercussões, de maior ou menor grau, nos sistemas de educação e formação. Será que as escolas brasileiras estão preparadas para esse avanço?

Na área contábil, que se relaciona diretamente com as atividades econômico-financeira executadas pelas empresas, a formação do contador é de fundamental importância para que se cumpra o principal objetivo da Contabilidade que, segundo Iudícibus (1994, p. 21), é o fornecimento de informações para os vários usuários de maneira a propiciarem decisões racionais, envolvendo, inclusive, informações preditivas e de tendências.

Atualmente a base essencial para a formação do contador é o curso de graduação em Ciências Contábeis. Será que esses cursos estão realmente cumprindo as exigências geradas pelo avanço profissional? Será que os professores de Contabilidade estão realmente preparados e atualizados para suprir essas necessidades? O docente é tido como um dos principais agentes na evolução da educação, uma vez que de nada adiantará ter-se um programa bem definido, um currículo adequado, uma gama de recursos físicos e financeiros, se não tiver um corpo docente preparado, dedicado e comprometido com o ensino. Qualquer conteúdo que for ministrado em uma disciplina, o professor discute o que ele sabe e da maneira que sabe.

Neste sentido, objetiva-se o presente artigo discutir a questão da necessidade de se ter professores qualificados adequadamente para suprir as exigências do mercado em relação aos profissionais da Contabilidade. Inicialmente é feita uma discussão sobre a deficiência no desempenho da maioria dos professores da área contábil, em seguida sobre a questão do professor que também exerce atividade profissional fora da escola e finalmente sobre a necessidade de melhoria na formação dos docentes.

DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE CONTABILIDADE

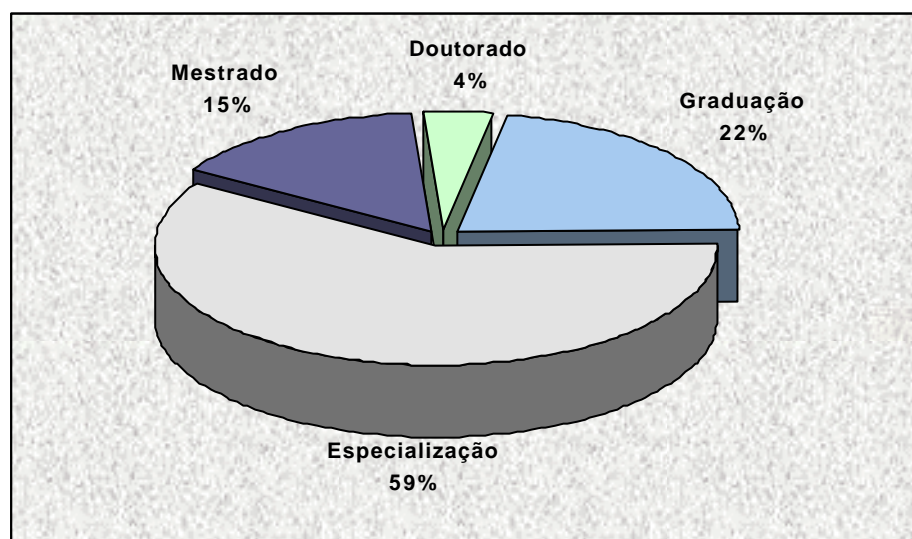
A questão da formação do professor de Contabilidade no Brasil é delicada. Muitos professores ingressaram na atividade docente sem nenhum preparo para tal. Foram, muitas vezes, escolhidos entre os recém graduados ou entre profissionais do mercado. Isto fez com que muitos desses docentes não apresentassem um desempenho adequado em sala de aula e conseqüentemente a formação de um aluno quase sempre preparação para o mercado profissional. Vários são os trabalhos publicados que abordam esta situação no Brasil. Um desses, inclusive, foi realizado pela Organização das Nações Unidas – ONU em 1994 (*apud*

Schmidt, 1996, p. 336) e constatou que a falta de treinamento para os professores dos cursos de Ciências Contábeis é uma das maiores deficiências na educação contábil no Brasil.

A maioria dos docentes dos cursos de Ciências Contábeis nas diversas Instituições de Ensino Superior do Brasil só possuem curso de especialização e/ou bacharelado em Contabilidade. E mais: a maior parte destes não participa de nenhum programa de educação continuada.

Em recente pesquisa realizada por Nossa (1999, p. 88) verificou-se que somente 19% dos professores de Contabilidade possuem titulação de Mestre ou Doutor, conforme pode-se verificar no gráfico a seguir:

Titulação dos professores dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil - 1997



Fonte: Nossa (1999:92)

Um dos principais fatores que contribuiu para que a maioria dos professores não apresentem um desempenho adequado na atividade docente foi a proliferação de cursos de Ciências Contábeis. Segundo dados do Ministério da Educação e do Desporto (Nossa, 1999, p. 38), a quantidade de cursos superiores em Contabilidade quase dobrou no período de 1986 a 1996, conforme mostra o quadro a seguir:

Quantidade de cursos de Ciências Contábeis no Brasil

Ano	1973	1976	1986	1996
Quantidade de cursos	131	166	194	384

Todo esse crescimento quantitativo de cursos, na maioria dos casos, não foi acompanhado da preocupação com os aspectos qualitativos, principalmente na contratação dos professores.

A atividade de ensinar e pesquisar exige tempo do docente. Neste sentido o professor necessita estar dedicado a esta atividade. Na área contábil a situação tem-se desencadeado de maneira diferente. A maioria dos docentes desempenham suas funções em regime de trabalho

parcial ou horista. Isto também pode ser verificado na pesquisa realizada por Nossa (1999, p. 95):

Regime de trabalho dos professores dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil–1997

<i>Quantidade de horas semanais</i>	<i>menos de 20 horas e horistas</i>	<i>de 20 a 39 horas</i>	<i>40 ou mais horas</i>
<i>Percentual de professores</i>	63%	21%	16%

Percebe-se que a falta de dedicação ao ensino por parte dos professores contribui em muito para algumas deficiências encontradas no ensino de Contabilidade. É necessário que o professor permaneça mais tempo na escola, especialmente para pesquisar, refletir sobre os conteúdos ensinados, trocar experiências com outros professores etc.

As principais causas apontadas por Nossa (1999, p. 108) para o sofrível desempenho dos docentes nos cursos de Contabilidade são:

- ✓ expansão extraordinária do número de cursos de Ciências Contábeis;
- ✓ círculo vicioso existente no ensino (falta de compromisso entre escola, professor e aluno) e o descaso com a educação;
- ✓ falta de investimentos por parte das instituições;
- ✓ falta de pesquisas na área contábil e de conhecimentos em cultura geral;
- ✓ maior atratividade por parte do mercado profissional contábil e falta de incentivo à carreira acadêmica;
- ✓ falta de reflexão do conteúdo ministrado na sala de aula principalmente pelos professores ligados ao mercado profissional;
- ✓ falta de critérios adequados para a contratação de professores pelas instituições etc.

A falta de pesquisa sobre o próprio ensino da Contabilidade também é um dos fatores impulsionadores para a má qualidade no ensino. Marion & Marion (1999: 21) comentam que a maioria das Instituições de Ensino Superior, especialmente na área da Contabilidade, são “*verdadeiros centros de treinamento de recursos humanos, oferecendo diplomas de curso superior, atendendo o ego da maior parte da população. Em outras palavras, são feitas cópias do conhecimento alheio na transmissão dos professores para os alunos*”. Há de ressaltar-se que em breve possivelmente ter-se-á no Brasil o Exame de Suficiência Profissional, que se implementado com a competência devida, exigirá do aluno recém-formado o verdadeiro conhecimento da Contabilidade e não simplesmente um diploma de conclusão de curso.

O PROFISSIONAL-PROFESSOR E O PROFESSOR-PROFISSIONAL

A falta de dedicação por parte dos professores na maior parte das vezes acontece porque esses docentes estão envolvidos em outras atividades fora da escola. Na Contabilidade o

quadro docente compõe-se quase que exclusivamente por profissionais da área contábil que atuam em suas atividades comerciais e empresariais.

Para o ensino da Contabilidade vê-se que é importante que o professor conheça também a aplicação prática do que é discutido na sala de aula. Como bem colocado por Franco (1996, p. 264), *“os professores, mais que qualquer outro profissional, devem atualizar-se permanentemente, pois são eles a fonte de aprendizado de futuros profissionais; os professores de Contabilidade, em especial, precisam complementar seu saber teórico com experiência prática e conhecimentos técnicos atualizados”*.

Iudícibus e Marion (1986, p. 55) defendem que *“precisamos do professor eminentemente teórico, com ampla cultura geral, para certas disciplinas [Teoria da Contabilidade, por exemplo] como também precisamos do profissional de sucesso, talvez part-time, para certas aulas e palestras [como Auditoria, Contabilidade de Custos etc.]”*.

Em pesquisa realizada por Nossa (1999, p. 132) concluiu-se que mesmo sabendo da importância de se ter o professor que esteja ligado à realidade das empresas, a maioria dos pesquisados demonstra preocupações com a atuação desse profissional docente. Uma dessas inquietações é o baixo nível de comprometimento com o ensino, principalmente quando ele está em regime de trabalho horista, que constitui-se a maioria dos casos.

A segunda preocupação é a falta de preparo didático-pedagógico. Muitas vezes esse professor pode ser um profissional de muita capacidade, no entanto não possui habilidades para transmitir seus conhecimentos aos alunos ou estimulá-los a buscar o conhecimento.

Uma outra inquietude é em relação aqueles docentes que de alguma maneira praticam suas atividades num certo processo mecânico e acabam não fazendo uma reflexão acerca do conteúdo programático ministrado em sala de aula.

Vasconcelos (1996) destaca que além do conhecimento da sua prática profissional, o professor deve possuir formação pedagógica, técnico-científica e política. Só assim estaria realmente comprometido com o processo de ensino-aprendizagem.

Na área de Ciências Sociais Aplicadas, a qual se encontra a Contabilidade, é fundamental que se tenha um relacionamento que favoreça a troca de experiências entre o ambiente interno e externo da academia, porque, em alguns casos é indispensável o conhecimento do professor quanto ao que está acontecendo na realidade das empresas.

Neste sentido, o ideal seria ter uma parte dos professores em tempo integral, dando maior assessoria aos alunos e, inclusive, fomentando pesquisas, e uma outra parcela de docentes em tempo parcial buscando as experiências da realidade fora da academia. O mais interessante e desejável é que os docentes discutam e troquem experiências entre eles.

NECESSIDADE DE MELHORIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

As transformações

A mundialização das tecnologias, a globalização das economias e, inclusive, o advento da sociedade da informação aumentaram as possibilidades de acesso dos indivíduos à informação e ao saber. Ao mesmo tempo, entretanto, todos esses fenômenos arrastam consigo uma

modificação das competências adquiridas e dos sistemas de trabalho. Para todos, esta evolução faz aumentar a incerteza. Para alguns, cria-se, inclusive, situações de total exclusão.

No mundo inteiro, as tecnologias da informação vêm transformando a natureza do trabalho e aumentando a exigência de conhecimento dos profissionais. O trabalho está cada vez mais sendo constituído por tarefas inteligentes que exigem espírito de iniciativa, adaptação e criatividade. Isso parece gerar uma nova revolução industrial, que se revela desde já tão importante e radical como outras precedentes.

As habilidades e competências

Um estudo realizado pela Comissão das Comunidades Europeias (1995) buscou identificar quais as aptidões necessárias para o emprego e a atividade. Em resposta a essa questão concluíram que no mundo moderno o conhecimento pode ser definido como uma acumulação de saberes fundamentais, de competências técnicas e de aptidões sociais. É pela combinação equilibrada desses saberes, adquiridos no sistema de ensino formal, na família, na empresa, por diversas redes de informação, que se cria o conhecimento geral e transmissível mais favorável ao emprego.

Os conhecimentos fundamentais ou de base constituem o alicerce da aptidão individual. Na educação de base, convém encontrar um justo equilíbrio entre a aquisição dos saberes e as competências metodológicas que permitam aprender por si mesmo.

As competências técnicas são conhecimentos que permitem a identificação mais direta com uma profissão. Podem ser adquiridos em parte no sistema educativo e na formação profissional e, em parte, na empresa.

As aptidões sociais englobam as capacidades relacionais, o comportamento no trabalho e toda uma gama de competências que correspondem ao nível de responsabilidade ocupado: a capacidade de cooperar, de trabalhar em equipe, a criatividade, a procura da qualidade, o domínio de outras línguas etc.

Combinando as competências transmitidas pelas instituições formais e as habilidades adquiridas por sua prática profissional e por suas iniciativas pessoais, em matéria de formação o indivíduo torna-se agente e principal construtor da sua qualificação.

As competências e habilidades apresentadas pela Comissão das Comunidades Europeias não divergem em muito do que está sendo exigido no mercado de trabalho do profissional da área contábil. Não se está falando daquele profissional que atua de forma *tradicional*, desenvolvendo somente a contabilidade fiscal e societária. Fala-se do profissional que pretende usar todo o potencial existente na Contabilidade, principalmente na área de *Controladoria*.

Na tentativa de verificar quais seriam essas competências e habilidades específicas na área contábil, algumas indicações foram encontradas no *“Roteiro de avaliação de projetos para autorização de cursos de Ciências Contábeis”*, elaborado pela Comissão de Especialistas de Ensino de Ciências Contábeis (MEC, 1998).

As competências apontadas são:

“conhecimentos em teoria da contabilidade; princípios fundamentais de contabilidade; contabilidade, inflação, juros e câmbio; contabilidade geral e de custos; gestão estratégica de custos; orçamento; métodos quantitativos para análise de decisões; tomada de decisão e análise de negócios em fusões, cisões, incorporações e aquisições; estruturas, sistemas e qualidade de controles internos; auditoria externa; análise de risco em investimentos; administração de capital de giro; planejamento estratégico tributário; contabilidade internacional; contabilidade sócio-ambiental (sic) e de recursos humanos; sistema de informações e de suporte à decisão; rotinas de segurança em sistemas de informações compartilhados; mudanças organizacionais e avaliação de processo de negócios, gestão de pessoal da área contábil/financeira, desenvolvimento ético e profissional (liderança e tecnologia), análise de cenários econômico/financeiros nacionais e internacionais, análise de contas e de demonstrações contábeis internas e externas, administração financeira de curto e longo prazo”.

E as habilidades são:

“proficiência, no uso da linguagem contábil para o usuário interno e externo; nas relações interpessoais; em raciocínio lógico e crítico-analítico; em liderança, motivação e proatividade; em comunicação escrita e verbal; em visão sistêmica e holística da atividade contábil; em lidar com modelos de gestão inovadores, flexíveis e adaptáveis em situações novas e adversas; na busca da congruência entre objetivos pessoais e institucionais; no entendimento da essência sobre a forma”.

A questão da formação adequada para o contador já era discutida, há tempo, por Iudícibus e Franco (1982, p. 43). Em suas percepções concluíram que o conhecimento do contador deve extrapolar a técnica de elaboração de demonstrativos que acumulam e fornecem dados. Isso os sistemas de informática são capazes de fazer e até com maior perfeição. O contador deve voltar-se à análise e interpretação desses demonstrativos, gerando informações úteis para os tomadores de decisões. Para isso, torna-se necessário o conhecimento básico de economia, administração e ciências afins; firme inclinação para métodos quantitativos em geral, estatísticas e processamentos de dados; desenvolvimento da habilidade de criar simulações que reflitam os resultados das várias alternativas para cursos em ação; ter um bom nível cultural em humanidades, e saber mais de uma língua estrangeira, principalmente o inglês.

Há necessidade de se preparar profissionais, não apenas com o domínio das mais avançadas técnicas disponíveis, mas dotados de habilidades e do discernimento necessário para, além do *como fazer*, perseguirem o *quê fazer*. Dominar a técnica não é suficiente. O mais importante é estar preparado para perceber quando a técnica precisa evoluir (Iudícibus *et alii*, 1983, p. 88).

Para que um aluno, futuro profissional, saia da Universidade com essa ampla visão, é necessário que se tenha uma estrutura adequada funcionando, um currículo compatível implantado e principalmente um *corpo docente capaz de contribuir com essa formação*.

É preciso que o professor de Contabilidade tenha uma percepção clara da sociedade, que se encontra em rápida evolução. Deve compreender a realidade em que vive, integrando diariamente os diversos fenômenos sociais, políticos, econômicos e jurídicos. Em outras palavras, deve ter conhecimentos técnicos da Contabilidade e de áreas afins, de metodologia de ensino, de cultura geral e aptidões sociais.

O conhecimento e a criatividade do professor

A educação e formação sempre foram fatores determinantes da igualdade de oportunidades. Investir no imaterial e valorizar o recurso humano implica em aumentar a competitividade. A posição de cada um no espaço do saber e da competência será decisiva.

O professor, e conseqüentemente o aluno, deve procurar ter bons conhecimentos de cultura geral, criando assim, maior capacidade para captar o significado das coisas, compreender e formular juízos e com isso adaptar-se à evolução da economia e do emprego. *“A missão fundamental da educação consiste em ajudar cada indivíduo a desenvolver todo o seu potencial e a tornar-se um ser humano completo, e não um instrumento da economia; a aquisição de conhecimentos e competências deve ser acompanhada pela educação do caráter, a abertura cultural e o despertar da responsabilidade social”* (Comissão das Comunidades Européias, 1995, p. 14). Nota-se assim a necessidade de uma formação polivalente com base em amplos conhecimentos, desenvolvendo a autonomia e o estímulo de *aprender a aprender*.

Independentemente do fato de passar ou não por uma formação que conceda um diploma, o indivíduo deve buscar os conhecimentos que ajudam no desempenho de suas funções. Para o professor de Contabilidade, é desejável (necessário!) que ele conheça outras línguas, que tenha uma boa noção (ou domínio) de métodos quantitativos, informática, economia, administração, finanças, transações internacionais etc. O objetivo é permitir que o docente possa conduzir a formação do aluno de maneira ampla, com o incentivo à criatividade e ao aprendizado contínuo, mesmo fora da escola.

Domínio de línguas estrangeiras

Já não é possível reservar o domínio das línguas estrangeiras a uma elite ou àqueles que o adquirem graças à sua mobilidade geográfica. O domínio de várias línguas tornou-se uma condição indispensável para permitir aos cidadãos o benefício das possibilidades profissionais e pessoais que são abertas com um mercado interno sem fronteiras.

No Brasil tem-se grande necessidade do uso da língua inglesa, primeiro porque a linguagem dos negócios é cada vez mais globalizada, e segundo, pela escassez de bibliografias nacionais que versam principalmente sobre a área contábil e áreas afins. Qualquer estudo mais profundo que se queira elaborar, leva-se compulsoriamente à pesquisa de bibliografias estrangeiras. Com o forte avanço nas áreas de comunicações, especialmente a Internet, tornou-se muito fácil percorrer o mundo em busca de informações. O espanhol também é outra linguagem necessária, uma vez que é amplo o relacionamento de empresas entre os países da América Latina, especialmente com relação aos países integrantes do Mercosul.

Métodos quantitativos aplicados à Contabilidade

A Contabilidade como fornecedora de informações aos seus usuários, deve prover também informações futuras que auxiliem o processo de tomada de decisão. Iudícibus (1982) há muito já previu uma crescente tendência para o uso de métodos quantitativos no tratamento de problemas empresariais, dando origem, inclusive, ao termo *Contabilometria*, em analogia ao termo usado na Economia (*Econometria*).

O grande objetivo da utilização de métodos quantitativos é o de entender e controlar com mais acurácia os fatores críticos de sucesso da empresa e conduzir os tomadores de decisões a anteciparem-se aos seus concorrentes e aproveitarem as oportunidades. Segundo Iudícibus (1994, p. 302) os métodos quantitativos aplicados à Contabilidade podem ser úteis quando relacionados aos seguintes tópicos e assuntos:

- “1. no tratamento de grande massa de dados, na pesquisa indutiva em Contabilidade;
2. na formulação de modelos preditivos de comportamento de custos, receitas, despesas e resultados;
3. em certos problemas de alocações de custos e transferências interdivisionais, intersetoriais e interempresariais;
4. nas formulações orçamentárias com distribuições probabilísticas; e
5. em decisões de otimização de resultado ou maximização de custos.”

Só para exemplificar citar-se-á (sem nenhuma pretensão de ser exaustivo) algumas técnicas estatísticas e matemáticas que podem auxiliar o contador na geração de informações para seus usuários: técnicas de amostragem, programação linear e não-linear, programação dinâmica, *goal programming*, simulação, teoria da decisão, teoria das filas, análise de séries temporais, regressão e correlação etc.

A maioria dos contadores parece não ter despertado para todo o ferramental estatístico que pode auxiliá-lo na geração de informações. Isso muitas vezes pode ser por causa do pouco conhecimento sobre o assunto, devido a falta de discussão e incentivos na época de sua formação acadêmica. Neste sentido, para que não haja essa ausência de conhecimento é necessário, em primeiro lugar, que a escola tenha professores com conhecimentos suficientes em métodos quantitativos, especialmente aplicados à Contabilidade, para discutir e incentivar seus alunos.

O uso de métodos quantitativos pode ser bastante facilitado com a utilização de *software* específicos e em muitos casos em *software* de uso comum, como o *Microsoft Excel*. Verifica-se assim mais uma área em que o professor deve ter conhecimento: a área de informática. Esse conhecimento não deve estar limitado a resolução de problemas de métodos quantitativos, mas estendido às tecnologias da informação.

Necessidade de formação global

Há uma expectativa a respeito da adoção de uma norma de educação contábil internacional e a criação de um currículo que servirá de referência para a formação do contador em todo o mundo.

Segundo Carvalho (*apud* Moreira, 1999, p. C-8) o currículo ideal para o contador global foi discutido por 150 peritos de 60 países num encontro em Genebra, no Grupo de Trabalho

Intergovernamental de Especialistas em Normas Internacionais de Contabilidade e Publicação (ISAR). O documento possui 36 páginas e pode ser dividido em três grandes grupos:

- a) Conhecimento das organizações e dos negócios: economia; métodos quantitativos e estatística para negócios; organização comportamental; operações administrativas, marketing e negócios internacionais.
- b) Informática: conceitos de IT [tecnologia da informação] para sistemas de negócios; controle interno baseado na computação; administração de IT; implementação e uso; e avaliação do trabalho com computação.
- c) Conhecimento contábil e relacionado com a matéria: contabilidade financeira e publicação; administração contábil; taxaço; lei comercial; auditoria interna e externa; administração financeira e finanças; e ética profissional”.

Será fundada a *International Qualification Organization (IQO)* que segundo Carvalho funcionará como uma espécie de *ISO (International Organization for Standardization)* em educação contábil.

Carvalho comenta ainda que no Brasil poderá ter um impacto maior do que uma mera troca de currículo, talvez será o fim dos cursos noturnos de Ciências Contábeis, pois em algum momento exigir-se-á uma dedicação em tempo integral.

Neste novo cenário, vê-se mais uma vez a necessidade de aperfeiçoamento e maior capacitação dos atuais e futuros professores dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Apoiado nas palavras de Franco (1996, p. 264) pode-se dizer que “qualquer intelectual ou profissional, seja professor, pesquisador, cientista ou doutrinador, precisa da EPC (*Educação Profissional Continuada*), pois somente a permanente atualização de conhecimentos propicia condições para acompanhar o progresso cultural e tecnológico contemporâneo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atualização, qualificação e criatividade do professor de Contabilidade é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes para alavancar o ensino nos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Isto é bastante visível quando se observa as transformações ocorridas no mercado consumidor da Contabilidade. O profissional contábil que possui a melhor informação, que tiver o “algo mais” e, é claro, souber usar essas ferramentas no desempenho de suas funções, certamente terá maior poder de competição. A era do conhecimento, da informação, das novas tecnologias, pela qual o mundo passa, exige do aluno recém-formado todo esse “poder de fogo”.

Neste sentido, verifica-se que o professor é um dos responsáveis direto na formação de alunos com tais competências e habilidades. Pode-se observar, no entanto, que a maioria dos docentes das escolas superiores de Ciências Contábeis não estão suficientemente qualificados para exercer tais responsabilidades.

As Instituições de Ensino Superior devem conscientizar-se desse cenário e assumir realmente o seu papel e dar aos seus professores maiores incentivos, condições e oportunidades para capacitação e atualização.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CHAGAS, J. Ferreira & NOSSA, Valcemiro. Usando programação linear na contabilidade decisória. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Ano XXVI, n. 107, p. 62-77, set./out. 1997.
- COMISSÃO das Comunidades Européias. **Livro branco sobre a educação e a formação: ensinar e aprender, rumo à sociedade cognitiva**. Bruxelas: Serviços de Publicações Oficiais das Comunidades Européias, 1995. 68 p.
- COELHO, Cássius R. A.; CHAGAS, José F. & NOSSA, Valcemiro. O ensino da contabilidade de custos no Brasil. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília, n. 111, p. 60-79, mai./jun. 1998.
- FRANCO, Hilário. Cursos de pós-graduação, educação profissional continuada e valorização da profissão contábil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 15. **Anais...** Fortaleza (CE), out. 1996. v. III, p. 261-85.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de & FRANCO, Hilário. A formação do contador sob o ponto de vista do usuário dos serviços contábeis. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Rio de Janeiro, n. 43, 1982.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de & MARION, José Carlos. As faculdade de ciências contábeis e a formação do contador. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Rio de Janeiro, n. 56, p. 50-6, 1996.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de. Existirá a contabilometria? **Revista Brasileira de Contabilidade**. Rio de Janeiro, n. 41, p. 44-5, 1982
- _____. **Teoria da contabilidade**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu & FRANCO, Hilário. Currículo básico do contador: orientação técnica *versus* orientação humanística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCADORES DA ÁREA CONTÁBIL, 2. **Anais...** São Paulo, 16 a 18 de setembro de 1983, p. 74-112.
- LEININGER, Wayne E. **Quantitative methods in accounting**. New York: Litton Educational Publishing, Inc., 1980.
- MARION, José Carlos & MARION, Márcia M. C. A importância da pesquisa no ensino da contabilidade. **Revista de Contabilidade do CRC-SP**. Ano II, n. 7, p. 20-5, mar. 1999.
- MEC – Ministério da Educação e do Desporto. **Roteiro para avaliação de projetos para autorização de cursos de ciências contábeis**. Disponível: <http://www.mec.gov.br/sesu/Cursos/Cursos.htm> [capturado em 16/08/1998].
- MOREIRA, Assis. Globalização exige novo perfil de contador. **Gazeta Mercantil**. Empresas & Carreiras – Administração & Marketing. 26/02/1999, p. C-8.

- NOSSA, Valcemiro. **Ensino da contabilidade no Brasil: uma análise crítica da formação do corpo docente**. São Paulo, 1999. Dissertação [Mestrado]: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (USP).
- RENDER, Barry & STAIR, Ralph. M. **Quantitative analysis for management**. 6. ed. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1997.
- SCHMIDT, Paulo. A realidade da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 15. **Anais...** Fortaleza (CE), out. 1996. v. III, p. 330-43.
- VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **A formação do professor de 3º grau**. São Paulo: Pioneira, 1996.